

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DE SINAIS: UMA ENTREVISTA COM LODENIR KARNOPP

Lodenir Karnopp
Universidade Luterana do Brasil – ULBRA

ReVEL – Em linhas gerais, como ocorre a aquisição da linguagem em crianças surdas?

Lodenir – O que passo a relatar faz parte de minha experiência como professora de surdos, pesquisadora na área de lingüística e intérprete da língua de sinais. Desde o primeiro dia em que comecei a observar surdos usando a língua de sinais, fiquei curiosa na tentativa de entender um pouco mais aquela língua tão diferente da nossa. Essa foi a minha opção em termos profissionais: passei a estudar lingüística e a decifrar a estrutura gramatical e o modo como essa língua era usada entre os surdos. No curso de Letras realizei paralelamente um curso de Língua de Sinais e posteriormente comecei a trabalhar em uma escola de surdos (Escola Especial Concórdia, em Porto Alegre). Ingressei no Mestrado em Lingüística e o meu interesse esteve voltado para o entendimento da aquisição da língua de sinais. Para isso, focalizei a investigação na aquisição fonológica (entendida como a aquisição dos parâmetros configuração da mão, movimento e locação).

Apresento, em linhas gerais, a aquisição da linguagem por crianças surdas, do nascimento aos cinco anos de idade, descrevendo aspectos do desenvolvimento pré-lingüístico e lingüístico (produção de enunciados de um sinal, enunciados de dois sinais e estágios posteriores).

As investigações em relação à aquisição da linguagem de crianças surdas procuram colocar os informantes em categorias separadas, considerando o ambiente lingüístico da criança. Assim, temos crianças surdas com pais surdos (ou somente o pai, ou somente a mãe) e crianças surdas com pais ouvintes – o ponto central é saber se a criança surda esteve exposta à língua de sinais.

O período do desenvolvimento pré-lingüístico

O período pré-lingüístico se inicia quando a criança nasce e finaliza com o aparecimento dos primeiros sinais. A análise de bebês surdos adquirindo a língua dos sinais evidencia que eles produzem gestos que são, quanto à forma, semelhantes aos sinais, mas não possuem significado (Newport & Meier 1986, p. 888). Esse período caracteriza-se pela produção do que é denominado balbucio manual, pelos gestos sociais e pela utilização do apontar (Karnopp, 1999).

Uma descrição detalhada sobre o desenvolvimento pré-lingüístico deveria, além de discutir aspectos da produção gestual da criança, incluir também informações sobre a percepção visual da criança e sobre a interação entre o adulto e o bebê no processo de aquisição da língua de sinais. Aqui, entretanto, nos limitamos a discutir prioritariamente os aspectos ligados à produção lingüística.

Pesquisas que realizei durante o mestrado (1994) e o doutorado (1999) com crianças surdas adquirindo a língua de sinais brasileira trazem contribuições para a discussão sobre as primeiras produções lingüísticas. O *input* visual é, obviamente, necessário para que o bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é, o olhar fixo do bebê surdo na face da mãe/ pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbucio manual, de gestos sociais e do 'apontar' são aspectos observados nessa fase.

O período pré-lingüístico inclui a produção do balbucio manual – produções manuais, corporais e faciais. Nesse sentido, encontram-se registros de que, no primeiro ano de vida, a criança passa por mudanças que vão de um simples choro a um complexo balbucio manual.

Surdos e ouvintes produzem gestos manuais muito similares durante o primeiro ano, tornando-se difícil a distinção entre o balbucio manual compartilhado entre bebês surdos e ouvintes, e as produções manuais que são específicas dos bebês surdos. Há situações em que as crianças produzem gestos que representam ou referem algum objeto ou evento, tais como abrir e fechar a mão para pedir algo, mover os braços para indicar um pássaro – tais produções são comuns em crianças surdas e ouvintes. Esse fato torna complexa a distinção entre sinais e gestos, pois ambos são referenciais, comunicativos e produzidos manualmente. Por isso, a distinção desses dois tipos de atividade manual e o status simbólico dos gestos iniciais na aquisição da linguagem é uma questão que tem recebido atenção recentemente.

O período do desenvolvimento lingüístico

O termo aquisição da palavra (sinal) pode ser entendido de diversas maneiras, ou seja, pode se referir a qualquer gesto produzido e usado pelo bebê em um contexto consistente, ou pode se referir a um sinal da linguagem adulta que é entendido e usado como tal. Em analogia com a definição que Ingram (1989, p. 139) adota para as línguas orais, utilizamos aqui a definição de que o primeiro sinal é um sinal da linguagem adulta e que é entendido com algum significado, embora variável.

Enunciados de um sinal

Os resultados do estudo de Schlesinger e Meadow (1972), na ASL, fornecem dados importantes sobre o tamanho do vocabulário e sobre o período em que o primeiro sinal foi produzido. Os autores relatam que as crianças inicialmente produzem enunciados com um só sinal e então começam a produzir dois ou mais sinais em combinação. Mostraram que uma das crianças, Ann, tinha um amplo

vocabulário em sinais aos 19 meses, se comparado ao vocabulário de crianças ouvintes. Em diários da aquisição da linguagem de duas crianças ouvintes, expostas ao inglês e à ASL, eles verificaram que o primeiro sinal surgiu antes da primeira palavra, sendo que, para uma das crianças, o primeiro sinal apareceu aos cinco meses e meio. Pode-se, entretanto, questionar os critérios utilizados pelos autores para identificar a produção do primeiro sinal. Uma das alternativas utilizadas para se evitar este tipo de objeção é investigar não somente a produção do primeiro sinal, mas a produção dos dez primeiros sinais. Utilizando essa alternativa, a maioria dos estudos de aquisição da linguagem registra que o aparecimento das primeiras palavras/sinais ocorre em torno dos 10 meses.

Ackerman et al (1990, p. 339) confirmam tais dados, relatando que os primeiros sinais na Língua de Sinais Britânica (BSL) foram produzidos aos 11 meses por uma criança surda e aos 11 meses por uma criança ouvinte. Além disso, os autores relatam que a média de idade na produção dos dez primeiros sinais é de 15 meses de idade em crianças surdas e de 13 meses em crianças ouvintes adquirindo a Língua de Sinais Britânica e o Inglês, respectivamente.

Por outro lado, a hipótese de que a aquisição da língua dos sinais se iniciaria mais cedo do que a aquisição das línguas orais gerou discussões entre alguns pesquisadores sobre a questão da iconicidade nas línguas de sinais, sobre o desenvolvimento motor das mãos, sobre a questão da visibilidade dos articuladores e a interferência dos pais na produção dos sinais.

Das discussões realizadas sobre a questão da produção dos primeiros sinais e das primeiras palavras no vocabulário da criança e sobre as possíveis implicações da iconicidade na aquisição de sinais, pode-se concluir que, apesar das diferenças individuais dos informantes, das diferenças entre as línguas e entre as modalidades de línguas, há um certo paralelo no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem que independe da distinção língua gestual-visual ou oral-auditiva.

Em termos gerais, pode-se dizer então que os primeiros sinais ou as primeiras palavras aparecem entre os 10 meses e o 1º ano de idade. Estudos de aquisição

da linguagem de crianças surdas com pais surdos têm mostrado que elas inicialmente balbuciam com as mãos, começam então a produzir enunciados com um único sinal e, em seguida, combinam sinais formando sentenças simples.

Quanto ao tamanho do vocabulário, a evidência compilada por vários estudos sugere que há generalizações quanto à produção dos primeiros sinais. McIntire (1977) examinou a produção de sinais na ASL (American Sign Language) de uma criança surda, filha de pais surdos, e registrou que, no início da investigação, quando a criança estava com a idade de 1 ano e 1 mês (1;1), o vocabulário estava em torno de 85 sinais e que, ao final da investigação, com 1;9, ela estava produzindo mais de 200 sinais.

Marentette (1995, p. 75) realizou um estudo de caso, acompanhando longitudinalmente uma menina ouvinte, filha de pais surdos, que apresentou a seguinte média de aquisição na ASL: com 1;0 (05 sinais), com 1;3 (11 sinais), com 1;5 (18 sinais), com 1;6 (42 sinais), com 1;9 (63 sinais), com 1;11 (19 sinais) e com 2;1 (70 sinais).

Na LIBRAS, estudos que realizei durante o doutorado (Karnopp, 1999) descrevem a aquisição de sinais durante o período de 11 meses até os 2;5, em um estudo longitudinal realizado com uma criança surda (Ana), filha de pais surdos. O levantamento dos primeiros sinais produzidos por Ana totalizaram 117 tipos de sinais (em 288 ocorrências). O acompanhamento da aquisição da linguagem de Ana mostrou que dos 8 aos 30 meses de idade ela inicialmente produziu balbucio manual, começou então a produzir enunciados com um único sinal e, em seguida, combinou sinais formando sentenças simples. O início da aquisição e o tamanho do vocabulário de Ana estão apresentados na tabela a seguir.

Idade	Nº de sinais produzidos
0;11	02
1;1	04
1;5	12
1;9	28
2;1	49
2;5	81

Tabela 04: Início da aquisição e tamanho do vocabulário na LIBRAS (Karnopp, 1999)

Enunciados de dois sinais e estágios posteriores do desenvolvimento lingüístico

Ao final do período caracterizado pelos enunciados de um sinal (mais ou menos aos dois anos de idade, variando de criança para criança), começam a aparecer enunciados formados por dois sinais. Eles consistem, basicamente, no agrupamento de dois sinais que apresentam algum tipo de relação semântica.

Estudos realizados por Bonvillian et al. (1983) constataram que a média de idade na produção dos enunciados de dois sinais é de 17 meses (variando entre 12 e 22 meses), enquanto que nas línguas orais os enunciados de duas palavras ocorrem entre os 18 e 21 meses. Para tais autores, isto sugere que tanto a fala quanto o sinal são restritos por fatores cognitivos ou lingüísticos e não por fatores superficiais relacionados à modalidade (articulação motora).

Como na aquisição das línguas orais, o início do estágio de dois sinais co-ocorre com a produção de enunciados de duas palavras. De um modo geral, o período do desenvolvimento de dois sinais apresenta as seguintes características, conforme Newport & Meier (1986) e Deuchar (1984):

- emergência de relações semânticas entre os elementos (sinais), em uma mesma ordem. Os tipos de relações semânticas entre os elementos dos enunciados são os seguintes: agente + ação; ação + objeto; agente + objeto; ação + lugar; demonstrativo + entidade; entre outros;

- os enunciados consistem tipicamente de itens lexicais que são produzidos através de formas de citação não-flexionadas;

- o uso da ordem (por exemplo, Sujeito-Verbo, Verbo-Objeto, Sujeito-Verbo-Objeto) funciona como uma estratégia sintática para marcar e atribuir função aos elementos do enunciado. Tal estratégia sintática é adquirida antes das flexões a nível morfológico. Assim, a ordem adotada pelas crianças é a ordem canônica da linguagem do adulto. Em enunciados produzidos pelas crianças, apareceram as seguintes funções: localizar, nomear, pedir, desejar, negar, descrever evento ou situação, indicar posse, entre outros.

Após a fase de dois sinais, surgem enunciados com maior número de sinais que, aos poucos, vão se aproximando da linguagem do adulto. O período de maior desenvolvimento lingüístico vai mais ou menos até os cinco anos, quando a criança já tem uma capacidade lingüística bem próxima à do adulto. Supõe-se que, como nas línguas orais, as aquisições posteriores nas línguas de sinais estejam relacionadas à complexidade sintática e semântica da língua em questão.

Por fim, gostaria de ressaltar que o interesse em relação ao estudo das línguas de sinais é crescente, pois até bem pouco tempo atrás as concepções e investigações acerca da linguagem humana eram proporcionadas somente pelo estudo das línguas orais. Entretanto, as línguas de sinais, por serem línguas naturais, mas de modalidade gestual-visual, podem fornecer novas perspectivas teóricas sobre as línguas humanas, sobre os determinantes da linguagem e sobre o processo de aquisição e desenvolvimento das línguas humanas e naturais.

ReVEL - A língua de sinais pode ser adquirida/desenvolvida pela criança a partir de estímulos dos pais tão naturalmente como a linguagem oral em crianças sem problemas auditivos?

Lodenir – A língua de sinais é uma língua natural e estudos da aquisição da linguagem revelam uma semelhança no processo de aquisição dos sinais comparados com a aquisição da fala nas línguas orais. Quando investiguei o desenvolvimento fonológico em crianças surdas, filhas de pais surdos, analisando a aquisição de sinais foi surpreendente constatar que tal língua não é ensinada, mas adquirida naturalmente. É praticamente impossível ao surdo falar de forma natural, tendo em vista o bloqueio sensorial em relação ao input lingüístico sonoro que o circunda. Embora os surdos possam ser ensinados a falar uma língua, nunca serão capazes de compreender a fala tão bem como uma pessoa ouvinte. Setenta e cinco por cento das palavras faladas não podem ser lidas nos lábios (Fromkin & Rodman 1993, p. 416). Por outro lado, crianças surdas, expostas à língua de sinais, adquirem de forma natural tal língua, da mesma forma que as crianças ouvintes de forma espontânea adquirem uma língua oral. Assim, as crianças surdas adquirem a língua de sinais que está à sua volta sem nenhuma instrução especial. Elas começam a produzir sinais, mais ou menos na mesma idade em que as crianças ouvintes começam a falar, e atravessam os mesmos estágios de desenvolvimento lingüístico das línguas naturais. Portanto, se a linguagem humana é universal no sentido de que todos os seres humanos possuem a capacidade para adquirir uma língua, não é surpreendente que as línguas de sinais se desenvolvam entre pessoas surdas. É fascinante constatar que “enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso de sinais” (LONG, 1910). Essa frase expressa a importância da língua de sinais para as pessoas surdas, que usam uma língua visual-espacial, isto é, uma língua em que se utiliza da visão e do corpo nos processos de percepção e produção lingüística.

Por fim, considerando os aspectos universais das línguas humanas, conforme mencionado anteriormente, é natural que surdos, expostos à língua de sinais, apresentem um paralelo em relação aos estágios de aquisição das línguas orais. Crianças surdas inicialmente balbuciam com as mãos, começam então a

produzir enunciados com um único sinal, enunciados de dois sinais e, em seguida, combinam sinais, formando sentenças simples, conforme argumentamos anteriormente.

ReVEL – Qual é o melhor procedimento para se lidar com crianças surdas em fase de aquisição da linguagem?

Lodenir – Exposição à Língua de Sinais. A Língua de Sinais deve ser adquirida tão cedo quanto possível, e a criança surda deve estar exposta e interagir com sinalizadores fluentes, quer sejam os pais, professores ou outras pessoas, preferencialmente surdas. Depois de adquirir os sinais, a aquisição da leitura, escrita e da fala (opcionalmente) pode se seguir. Neste sentido, resalto a importância de Escolas de Surdos, ou mesmo de creches com turmas de surdos e com professores surdos para que essa criança tenha um ambiente lingüístico apropriado à aquisição e desenvolvimento da linguagem.

ReVEL – Qual é a situação no Brasil referente à linguagem LIBRAS?

Lodenir – Segundo a Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC) 1,5% da população brasileira é de surdos. Isto significa dizer que existem aproximadamente 2.400.000 surdos no país!

Penso que no Brasil muitas coisas mudaram nos últimos 10 anos, principalmente em termos de legislação. Nos últimos tempos tivemos a oficialização da LIBRAS (Lei Federal 10.436 de 24/04/2002), após uma intensa luta e organização da comunidade de surdos, representada através de associações e da Federação de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), o desenvolvimento de pesquisas na área da educação, lingüística, psicologia, entre outras, intérpretes de LIBRAS em situações educacionais, sociais e políticas, entre outras conquistas. Por outro lado, tais conquistas necessitam ser mantidas e há ainda outras lutas a empreender, no sentido de envolver mais surdos, por exemplo, a garantia da língua de sinais na educação e escolas de

surdos em diferentes regiões do país, legendas e intérpretes na televisão, ensino da LIBRAS para ouvintes, formação de profissionais e professores surdos, regulamentação da lei 10.436 etc.

ReVEL – A senhora poderia recomendar uma bibliografia especializada na aquisição da linguagem de sinais, para que estudantes de Lingüística e de Fonoaudiologia pudessem se aprofundar no assunto?

Lodenir – Seguem algumas sugestões:

LUCAS, Ceil (ed.). *Sign Language Research: Theoretical issues*. Washington: Gallaudet University, 1990.

ACREODOLO, L. and GOODWYN, S. Symbolic gesturing in normal infants. *Child Development* 59, p. 450-66, 1988.

BAKER, C. and PADDEN, C. *American Sign Language: a look at its history, structure and community*. Silver Spring: T.J. Publishers, Inc., 1978.

BONVILIAN, J. et. al. Early sign language acquisition and its relation to cognitive and motor development. In: KYLE, J. and WOLL, B (ed.). *An international perspective on Sign Language*. London: Croom Helm, p. 116-25, 1983.

DEUCHAR, M. *British Sign Language*. London: Routledge and Kegam Paul, 1984.

EMMOREY, K. *Language, cognition, and the brain: insights from sign language research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2002.

INGRAM, David. *First language acquisition: method, description and explanation*. Cambridge: Cambridge University, 1989.

KARNOPP, L. B. Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. Porto Alegre, PUC: *Dissertação de Mestrado*, 1994.

KARNOPP, L. B. Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda. Porto Alegre, PUCRS: *Tese de Doutorado*, 1999.

- KLIMA, E., and BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.
- MARENTETTE, Paula F. It's in her hands: A case study of the emergence of phonology in American Sign Language. *PHD Dissertation*, Montreal: McGill University, Department of Psychology, 1995.
- PEREIRA, Maria Cristina C. Aquisição da leitura e da escrita por crianças surdas. In: *Anais do Congresso Surdez e Pós-Modernidade: Novos rumos para a educação brasileira*. Rio de Janeiro: INES, 2002.
- PEREIRA, Maria Cristina. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI et al. *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Mediação: 2002, p. 47-55
- PETITTO, L. A. and MARENTETTE, P. F. Babbling in the manual mode: Evidence for the ontogeny of language. *Science* 251, p. 1493-6, 1991.
- PETITTO, L. A. "Language" in the prelinguistic child. In: KESSEL, F. S. (Ed.). *The development of language and language researchers*, p. 187-222, LEA, 1988.
- QUADROS, R. M. de. Phrase Structure of Brazilian Sign Language. *Tese de Doutorado*. Porto Alegre: PUCRS, 1999.
- QUADROS, R. M. de. As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição. *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- QUADROS, Ronice M. de e KARNOPP, Lodenir B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004
- QUADROS, Ronice. M. de. *Educação de Surdos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SOUZA, Regina Maria de. *Que palavra que te falta? Lingüística, educação e surdez*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WRIGLEY, O. *The politics of deafness*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.
- McINTIRE, M. The acquisition of American Sign Language hand configurations. *Sign Language Studies* 16, p.247-66, 1977.
- NEWPORT, E. and MEIER, R. The Acquisition of American Sign Language. In: SLOBIN, D. I. (Ed.). *Cross-linguistic study of language acquisition*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1986.

SCHLESINGER, H. and MEADOW, K. *Sound and Sign: childhood deafness and mental health*. Berkeley: University of California, 1972.